o real do corpo: fenômenos psicossomáticos e sintoma – incidências clínicas

Didier Castanet

O corpo, isso deveria vos surpreender mais.

Jacques Lacan

introdução

Antes de entrar no cerne de minha questão, gostaria de fazer um laço com o que será o eixo do meu trabalho, ou seja, entre o fenômeno psicossomático e a angústia. De fato existe um laço, e poderíamos chamá-lo de "a ponta do imaginário sobre o real".

Nos fenômenos psicossomáticos, que podemos situar no nível dos fenômenos auto-eróticos, há prazer, o que os diferencia do sintoma, no qual o desprazer é dominante. Lacan aloja o fenômeno psicossomático no registro do auto-erotismo, relacionando-o a um "gozo autístico", tipo de instrumento na relação com o Outro. É esse gozo que satisfaz o sintoma em que poderia aparecer a angústia de castração em sua relação com o Outro. A angústia é um forçamento do real no imaginário, e seu contrário, a ponta do imaginário sobre o real, pode simbolizar o fenômeno psicossomático. Sabe-se que, entre a angústia e o fenômeno psicossomático, a relação que existe é de exclusão.

Pode-se, em seguida, apreender o fenômeno psicossomático como um substituto da função orgástica. O gozo implicado no fenômeno psicossomático conduz a uma idéia da vida sexual do sujeito, ao problema da "turgescência" e, mais precisamente, ao que o sujeito experimenta durante o orgasmo. O acento é mais precisamente colocado sobre as dificuldades de atuação do orgasmo.

Lacan, no seminário sobre a angústia, esclarece a ligação da angústia com o orgasmo e nos diz: "o orgasmo, de todas as angústias, é a única que acaba"[1]. Então, pode-se fazer um paralelo entre as desilusões orgásticas e os fenômenos psicossomáticos.

[1] Lacan. *Le séminaire: L'angoisse (1962-1963)* (Inédito)

Lembremos que Lacan, a respeito dos fenômenos psicossomáticos, esclarece que se trata de uma indução significante que não colocaria em jogo "a afânise" do sujeito. E ainda po-

deríamos acrescentar que, em certos casos bem particulares, existe paralelo entre a descoberta e a manutenção da função orgástica e o desaparecimento do fenômeno psicossomático.

Segundo Lacan, é fato que o corpo humano é feito de matéria orgânica sensível ao dizer[2]. Isso traz certo número de conseqüências, e entre elas, não a menor, a de que o corpo tem capacidades subjetivas. O fato de ter capacidades subjetivas concorda com o fato de ser tomado no desejo do Outro, cortado do que poderia ser um real adaptado a suas necessidades.

[2] Lacan. *Le séminaire: Le sinthome (1975-1976)* (Inédito)

No ensino de Lacan, como no de Freud, aliás, o corpo ocupa lugar central. Lacan se interessou pelo corpo e, entre os sucessores de Freud, parece-me o único que soube dar-lhe uma articulação coerente com a descoberta da psicanálise. Em *O seminário – livro 11*, ele reelabora o conceito de pulsão, retomando esse limite entre o biológico e o psíquico. Fornece então uma clara definição de pulsão e propõe uma doutrina coerente do corpo em psicanálise, isto é, o corpo como corpo do simbólico e a pulsão como o que advém da demanda quando o sujeito aí se desvanece.

Sem refazer o histórico do conceito de psicossomática e de suas relações com a psicanálise, do ponto de vista freudiano a psicossomática permanece um domínio mal delimitado. Ainda que Freud não tenha se interessado diretamente pelo estudo dos fenômenos psicossomáticos, o corpo é onipresente em suas preocupações. A teoria analítica foi elaborada a partir do corpo.

Considerando que o ponto essencial é a distinção entre fenômenos psicossomáticos e sintomas, o eixo do trabalho que proponho hoje será o seguinte: extrair a especificidade do fenômeno psicossomático, diferenciá-lo do sintoma e tentar ressaltar, se possível, uma posição clínica em face do fenômeno psicossomático.

o fenômeno psicossomático não é um sintoma

Os fenômenos psicossomáticos se definem pela lesão, diferenciando-se assim do acometimento conversivo, em que a função do órgão é a única atingida. Eles são da ordem da realidade sensível, e não da realidade inteligível, e dizem respeito ao Real, implicando, evidentemente, o corpo. Lacan os situa na junção entre o imaginário e o Real. É o corpo, então, em sua consistência imaginária, que se assinala com a existência de uma lesão no Real.

no que diz respeito ao significante

Para abordar essa vertente da questão, partirei do *acting out*. Com a ajuda da própria definição de *acting out*, podemos

verificar tanto um traço de diferença com o sintoma quanto um traço de analogia com o fenômeno psicossomático. No *acting out*, o sujeito não sabe que manifesta alguma coisa, mas o *acting out* é imediatamente legível pelo Outro, notadamente o analista, ainda que o sujeito não o leia. Na ação repousa o problema da mostração que faz apelo ao Outro, ou seja, isso se dá a ver, ouvir, sentir, mas sem que o sujeito saiba que faz tal apelo.

No fenômeno psicossomático essa dimensão de um "isso se dá a ler" está presente? Uma primeira resposta seria que muitos deles são visíveis. Pensa-se imediatamente, claro, nas doenças de pele, mas certos acometimentos não são visíveis, nem sensíveis, e isso nos levaria a excluí-los do campo imaginário.

Lacan, contudo, é claro: diferentemente do sintoma, que é uma mensagem própria ao sujeito, tem significação fálica e está relacionado à castração, o fenômeno psicossomático é uma incidência do significante sobre o corpo, mas não representa o sujeito[3]. Essa marca, a lesão, é antes de tudo uma assinatura. Ela não tem a ver com a função do Nome-do-Pai, trata-se de um buraco no Real, uma particularidade do jogo significante que Lacan descreveu como holofraseamento. O significante, portanto, está aí concernido, e poderíamos dizer que o fenômeno psicossomático não prescinde do registro do significante, mas a primeira acoplagem de significante se solidifica, se "holofraseia", não há mais intervalo entre S_1 e S_2. No fenômeno psicossomático, S_1 cola em S_2 e, assim, não há mais lugar para o surgimento do sujeito em sua divisão. Não há afânise, não há emergência do sintoma e não há, portanto, produção de objeto *a*.

[3] Lacan. Conférence à Genève sur le symptôme (1975/1985).

A doutrina lacaniana sobre a holófrase não tem ambigüidade: a produção desse novo significante vindo da solidificação S_1-S_2 não deve ser vista como um novo S_1 a ser decomposto, decifrado, para restituir uma mensagem ao sujeito, ou haveria confusão entre fenômeno psicossomático e sintoma.[4]

[4] Lacan. *Le séminaire – livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse (1964)* (1973, p.215)

Em sua conferência de Genebra[5], Lacan apresenta as novas direções de pesquisa quanto aos fenômenos psicossomáticos. Com relação ao significante, há nessa via aberta por ele algo que me parece paradoxal. Poder-se-ia enunciá-lo assim: como se pode dizer que se fabrica alguma coisa que é como nome, que tem uma relação com a marca, mas que, no entanto, não se prende na lógica significante e é feita com o que é totalmente exterior ao significante, que é o gozo?

[5] Lacan. Conférence à Genève sur le symptôme (*op. cit.*).

Lacan deixa claro que é incontestável a existência de significantes no fenômeno psicossomático, mas isso não acontece de forma alguma como no sintoma, sendo antes de tudo da ordem do que ele chama de *cartouche*, o lugar onde se inscreve

o Nome Próprio[6]. Em seguida, Lacan precisa que é da ordem não do *signum* [sinal], mas sim da assinatura, idêntico a hieróglifos que não sabemos ler. Essas lesões, portanto, seriam da ordem do escrito, mas Lacan as considera como "não a ler".

Passando da letra[7] ao número, Lacan se volta em direção a uma contagem do gozo que testemunharia o fenômeno psicossomático mais que a direção a uma subjetivação do desejo. "O corpo se deixa escrever alguma coisa que é da ordem do número [...], o corpo considerado como '*cartouche*', como fornecendo o nome próprio"[8]. O *cartouche* é o que, em escrita egípcia, nomeia aquele que fez erguer o monumento. Ele é próprio, portanto, para receber uma inscrição. Essa inscrição, esse nome próprio, não é aparente, mas posta em epígrafe exatamente porque é contornada por um traço.

qual seria o *status* do gozo em jogo no fenômeno psicossomático?

Abordando o fenômeno psicossomático pelo lado do significante, conclui-se pela falência da metáfora subjetiva, de tal forma que Lacan o põe na série psicose – debilidade mental – fenômeno psicossomático.

A partir do gozo específico que faz retorno no organismo, pode-se pôr o fenômeno psicossomático na série: esquizofrenia (na qual o gozo faz retorno no corpo) – paranóia (na qual o gozo é alojado no Outro) – fenômeno psicossomático (em que o gozo específico poderia tomar seu sentido no significante indutor da lesão).

Pelo viés significante, portanto, temos: psicose – debilidade mental – fenômeno psicossomático. Pelo viés do gozo específico, esquizofrenia – paranóia – fenômeno psicossomático.

Podemos deduzir disso que, pela ausência de metáfora paterna, surgiria um nome fabricado com o gozo – o gozo corporal –, tradução do sofrimento psicossomático. Em que esse gozo é específico? O gozo do neurótico está ligado à palavra. O psicossomático é o único cujo gozo se inscreve sobre o organismo, haveria realização do objeto *a* sobre o corpo.

Lacan afirma: "eu coloco que não pode aí haver definição do Nome-do-Pai senão na medida onde nós nos damos conta da emissão nomeante com alguma coisa que em sua estrutura é da ordem da letra. Na clínica psicossomática, a letra estaria a ser considerada em sua função de inscrição de um gozo específico e, antes de tudo, de um 'não a ler", de um não a decifrar".

Em Lituraterre, diz que "a letra não é propriamente o litoral, a borda do buraco no saber; [...] entre o gozo e o saber, a letra faria o litoral"[9]. Esse texto é essencial quanto à função

[6] *Ibid.*

[7] Lacan. *Le séminaire – livre III: Les psychoses (1955-1956)* (1981).

[8] Lacan. *Le séminaire: L'identification (1961-1962)* (Inédito).

[9] Lacan. Lituraterre (1970-1971: aula de 12 de maio de 1971).

da letra. Lacan precisa que a letra não deve ser considerada uma escrita que espera ser "significantizada". Com efeito, ele a separa nitidamente do significante, e precisa: "A escrita, a letra, está no Real, e o significante, no simbólico".

Anteriormente, havia precisado que "a escrita não decalca o significante", e insiste sobre o fato de que não se deve confundir significante e letra: "é tarefa de vocês definir por que a escrita pode ser dita no Real a erosão do significado". A letra é a materialidade do significante, ela permanece inscrita como um tipo de *a* que não é exteriorizável do Outro à maneira da neurose.

A letra, marcando-se no organismo – aí opera a significação da qual o significante não é capaz, pois ele se holofraseia entre S_1 e S_2. A lesão psicossomática, portanto, explica-se por uma posição do sujeito ao Outro que não se decifra. Nos fenômenos psicossomáticos, não é mais tanto o desejo que é interrogado, e sim o gozo. Ao contrário do sintoma neurótico, que se desloca com as cadeias significantes, o fenômeno psicossomático aparece ou desaparece, ele está lá ou não, idêntico a um mecanismo como o pulsional. É assim que Lacan evoca a numeração binária: símbolo neurótico – 1 2 3 4; fenômeno psicossomático – 1 0 1 0.

Em sua conferência de Genebra, Lacan explicita que o deciframento do gozo psicossomático se efetua pelo viés do número, ou seja, o que a linguagem veicula de Real.

para não concluir, mas abrir sobre a clínica

O fenômeno psicossomático não é uma forma de assujeitamento. Podemos encontrá-lo tanto na neurose quanto na psicose ou na perversão: é um fenômeno trans-estrutural. Encontram-se elementos que lembram a psicose, entretanto, não há com ela identidade. A função do Nome-do-Pai é, em parte, fracassada, mas não há foraclusão, por isso pode-se concluir que a psicanálise pode romper essa falta de afânise e fazer de novo funcionar o simbólico.

Com relação à psicose, duas questões se apresentam: o fenômeno psicossomático seria uma barreira contra a psicose ou a marca de um melhor no caso de psicose?

É interessante ver a função do fenômeno psicossomático em certos casos de psicose. Eu penso em Joyce ou em Samuel Beckett. Poder-se-ia dizer que, para os dois, a doença psicossomática aparece desde que a suplência, constituída por sua arte de escrever, não funciona mais. Pode, então, o fenômeno psicossomático ser considerado uma suplência *de relais* com relação

a esse artifício que é já a escrita e que constitui esse quarto elo que Lacan chama *sinthome*? Ele chamará esse elo de neurótico precisamente porque tem por função manter o sujeito fora dos fenômenos delirantes. É preciso notar, todavia, que a escrita é uma suplência do registro do simbólico, enquanto o fenômeno psicossomático é do registro do Real, e portanto do gozo. Essa observação concerne aos sujeitos de estrutura psicótica, e não é, assim, possível de ser generalizada às outras estruturas.

Pode-se dizer que o fenômeno psicossomático é um sintoma sem metáfora, ou seja, um fenômeno que, embora esteja fora do sentido, não está fora do àlcance da ação simbólica. Ele tem a ver com um S_1 absoluto, resultante da solidificação S_1S_2.

Ao tomar os fenômenos psicossomáticos pelo lado do significante, cansa-se muito rápido. A abertura está do lado do gozo, desse gozo específico, como tentativa de gozar do corpo do Outro, tentativa de escrita da relação sexual. Uma definição mínima de gozo é "isso se prova", se experimenta.

Abordando os fenômenos psicossomáticos pelo viés do gozo, não seria necessário subtrair desse campo os acometimentos insensíveis? A lesão, a encarnação, os fenômenos psicossomáticos não estariam para ser considerados como um retorno do gozo em direção ao corpo, mas sim, e antes de tudo, como a questão de como o verbo se faz carne.

É assim que se pode avançar essa questão: o gozo em jogo no fenômeno psicossomático diria respeito ao que não foi negativado como carne. É o que Lacan aborda na questão III de Radiofonia[10], ou seja, o que do real do corpo não fez a prova do simbólico com o seu corolário, a saber, a perda de gozo. A encarnação seria a "corpicificação" [*corpsification*] no Real.

[10] Lacan. Radiophonie (1970)

A elaboração de uma construção teórica pertinente à análise dos fenômenos psicossomáticos traz agora a questão do que fazer disso. A única abertura possível para progredir e chegar, enfim, a uma verdadeira clínica dos fenômenos psicossomáticos é o tratamento analítico sob transferência. É a partir do próprio vivido de um sujeito, que só é um caso particular, único, impossível de ser reproduzido, que a generalidade poderá progredir.

Tradução: Leonardo de Assis
Revisão: Zilda Machado

referências bibliográficas

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre III: Les psychoses (1955-1956).* Paris: Seuil, 1981.

LACAN, Jacques. *Le séminaire: L'identification (1961-1962).* Inédito.

LACAN, Jacques. *Le séminaire: L'angoisse (1962-1963).* Inédito.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre XI: Les quatre concepts fondamentaux de la psychanalyse (1964).* Paris: Seuil, 1973.

LACAN, Jacques. Radiophonie. *Scilicet*, n. 2/3. Paris, Seuil, 1970.

LACAN, Jacques. *Le séminaire: D'un discours que ne serait pas du semblant (1970-1971).* Inédito.

LACAN, Jacques. Lituraterre. In: *Le séminaire: D'un discours que ne serait pas du semblant (1970-1971).* Inédito.

LACAN, Jacques. *Le séminaire – livre XX: Encore (1972-1973).* Paris: Seuil, 1975.

LACAN, Jacques. (1975) Conférence à Genève sur le symptôme. *Le Bloc – Notes de la psychanalyse.* Paris, n. 5, 1985.

LACAN, Jacques. *Le séminaire: Le* sinthome *(1975-1976).* Inédito.

resumo

A partir da distinção entre sintoma e fenômeno psicossomático, examinamos o *status* do gozo em jogo nesses fenômenos. Tentamos também examinar as conseqüências clínicas de nosso desenvolvimento com relação à estrutura, considerando que se trata de um fenômeno transestrutural.

abstract

With basis on the distinction between a psychosomatic symptom and a psychosomatic phenomenon, I analyze the status of the enjoyment in play in the phenomena in question. I also assess the clinical consequences of the development of my research in terms of the structure, taking into account the fact that the referred psychosomatic phenomenon is of a transstructural nature.